

" O espírito esportivo mantém o alto grau da cordialidade esportiva, alimentada pelos mais salutaros princípios, assim como o sol, o astro rei, mantém e alimenta a natureza, sempre jovem."

Décio Ferraz Alvim ( tenista ).

Ele gostava de chegar cedo. Ficar ao lado da torcida organizada. Assistir a preliminar. Ouvir, radinho colado no ouvido, as últimas novidades.

Entretanto, aquele dia o almoço demorara, demorara demais, sua sogra parecia decidida a ficar morando lá.

Mas ela mal colocara o pé para fora, ele correu para o quarto, pegou a bandeira, o radinho, a almofada e o dinheiro escondido que a mulher acabara de ganhar da mãe. "Perigoso isso", pensou. "Mas ela há de entender".

Sua casa ficava perto do estádio. As ruas estavam tomadas por carros vindos da capital. "Carros bonitos", pensou. "Mas eles verão que aqui a coisa é diferente".

Chegou nas bilheteria. Todas fechadas. Perguntou para um conhecido o que estava acontecendo.

- Os filhos-da-mãe da capital acabaram com os ingressos.

Já esperava esta resposta. "Mas eu vou entrar de qualquer jeito", pensou ele.

Saiu caminhando em torno do estádio, procurando de algum jeito conseguir uma entrada. Viu então um homem com vários ingressos na mão. "Um cambista", pensou. "Eu sabia que ia conseguir".

Era mesmo um cambista. Estava cercado por vários torcedores que disputavam a socos e empurrões os últimos ingressos. Ele dirigiu-se para lá. Quando conseguiu falar com o cambista, perguntou o preço. "Oitenta cruzeiros por uma geral, é uma barbaridade", pensou. "Mas eu tenho que entrar."

Viu quanto tinha. Era o bastante, mas sabia que a mulher iria armar o maior escândalo caso o dinheiro fosse gasto com futebol. "Periga até faltar leite pro nenem", pensou. "Como eu penso besteira, tô vendo muita novela ultimamente".

Pagou. Correu para dentro do estádio. O jogo estava começando. Tinha de chegar até a sua torcida. Ela não estava no lugar de costume. "Nos jogos com os times grandes, é a torcida deles que senta nas arquibancadas. Nós temos que ficar de pé, atrás dos gols, cara colada no arame. Mas preferível isto a ficar no meio "deles". "

Iniciou a sua caminhada. Para chegar até atrás das goleiras, tinha que passar pelas arquibancadas e, conseqüentemente, pela torcida da capital. Corajosamente, com a bandeira desfaldada, começou a andar.

"Enrola isso, negro fedorento", berrou um baixinho.

"Aproveita e enfia...", completou outro.

Ele não se conteve; respondeu nos mesmos termos. Não demorou e estava cercado. Arrancaram-lhe a bandeira ao mesmo tempo que recebia um soco na barriga. Ficou com dificuldades para respirar e, ofegante, viu a sua bandeira ser queimada. Tentou reagir, mas outro soco acabou com as suas pretensões.

Voltou correndo para de onde viera. O jogo transcorria firme. Dali onde estava não podia acompanhar a partida. "Eu tenho que subir", pensou. "Passar para atrás das goleiras é impossível, o jeito é ficar por aqui".

O "ficar por aqui" significava ficar no meio da torcida adversária. Ele detestava fazer isto, mas era o único jeito.

Esgueirou-se para o lance de arquibancadas da esquerda, onde era ainda desconhecido. Fazendo a cara mais urbana possível, começou a subir os degraus apinhados de gente, procurando um lugar para sentar. Após muito esforço conseguiu sentar-se entre um alemão imenso, que acabara de jogar as pilhas do seu rádio no bandeirinha e uma mulher gordíssima, com uma voz de araponga, que xingava o juiz com os piores palavrões que ele já tinha escutado. "Triste situação", pensou. "Mas estou aqui".

Acompanhar um jogo no meio da torcida adversária requer um do-

mínio completo da fisionomia : O menor descuido pode acarretar uma situação horrível.

O jogo estava como sempre : o time da capital em cima, massacrando, levantando bolas e mais bolas para a área. "Mas ali tem que ser macho", pensou. "E eles são um bando de frescos".

Terminou o primeiro tempo. Quando o time da capital entrou em campo para o segundo, um tijolo que saíra detrás de uma das goleiras descreveu uma parábola perfeita e atingiu o ponteiro-esquerdo nas costas. A torcida à sua volta urrou. Ele levantou-se junto com ela e imitou os seus gestos de desafio, muito embora estivesse berrendo de contentamento por dentro.

Imediatamente, objetos começaram a ser jogados para o campo, tentando a desforra.

O alemão abriu o casaco e tirou um saco de plástico. A seguir, sem a menor vergonha, começou a urinar dentro. A mulher gorda nem ligou. Quando acabou, o alemão olhou à sua volta, procurando alguém para acabar de encher o saquinho.

Quando o alemão lhe estendeu aquilo, pensou em não fazer tal coisa de jeito algum. O alemão, porém, talvez já estivesse meio desconfiado e, pela sua cara, adoraria quebrar a cara de alguém.

Ele abriu a bragueta e misturou o seu líquido ao que já estava armazenado. A partida se mantinha do mesmo jeito: nervosa, agitada, violenta, cheia de confusões.

O saquinho foi finalmente cheio por um italiano com cara de bocó e começou a passar de mão em mão, até chegar perto do alambrado.

Um moleque o esperava. Pegou-o com a mão esquerda e com a direita subiu até o alto da cerca, esperando uma chance para jogá-lo.

Pela milésima vez, o lateral-direito do time da capital levantou a bola na área e, pela milésima vez, o zagueiro mandou-a embora com um bico. A bola ainda bateu no ponteiro-direito argentino,

que custara dois milhões de cruzeiros, e saiu pela lateral, bem debaixo do moleque.

Faltavam cinco minutos. O centro-avante do time do interior, um guri de dezessete anos, baixou para bater a lateral. Levantou a bola atrás da cabeça e preparava-se para arremessá-la quando o moleque jogou o saco.

Atingiu-o no ombro. A camiseta que fora branca no começo do jogo e que agora estava cheia de manchas de barro, ficou amarela.

Ele mesmo assim bateu a lateral. A torcida delirou, no seu momento de triunfo pessoal. O guri sentou na grama, sem saber o que fazer, esquecido pelos adversários e pelos companheiros, lembrado apenas pela torcida.

De repente, o zagueiro deu um chutão para a frente e a bola veio exatamente onde estava. Ele, mesmo não entendendo bem a situação, saiu ao seu encalço. Quando viu, só tinha o goleiro pela frente. Fechou os olhos e chutou. A bola bateu-lhe na canela e ia direitinho para as mãos do goleiro.

"Filho-da-mãe", pensou o homem da torcida. A massa à sua volta respirou aliviada e ele mais uma vez teve de imitá-la.

O goleiro ajoelhou-se para fazer a defesa fácil. A bola bateu num buraco, elevou-se, encobriu o goleiro e foi morrer no fundo das redes.

Ele não entendeu a princípio. A torcida ao seu redor estava silenciosa. Viu todo o seu time abraçando o guri, molhando as camisetas com o miço da camiseta do guri, com o SEU miço.

Neste momento, levantou-se e berrou, berrou como um alucinado no meio da massa inerte.

O alemão tirou um canivete do bolso, abriu-o e o enfiou na barriga ao seu lado. Ele caiu, com um gosto de sangue na boca. Ninguém lhe veio socorrer.

Viveu o suficiente para ver seu time levar um gol com a mão, aos 45 minutos e outro, de pênalti, dois minutos depois.